VISÃO DO CORREIO

A mão por trás dos "desastres naturais"

Estragos causados pela seca e fenômenos associados a ela, danos provocados pelo excesso de chuva e suas consequências e prejuízos decorrentes de doenças virais, entre outros desastres classificados como "naturais", custaram ao Brasil, em um período de 10 anos, R$ 341,3 bilhões. A estimativa é da Confederação Nacional de Municípios, em estudo que contabilizou 53.960 ocorrências no período de 2013 ao início de 2022. O que está explícito no levantamento, mas também o que ele sugere, serve de alerta a autoridades de todos os níveis no país, assim como à sociedade como um todo e a cada cidadão isoladamente.

O estudo, que contabilizou decretos de anormalidade expedidos por municípios no período, detalha danos espalhados pelo mapa do Brasil e constata que eles afetaram, em momentos distintos, 93% das cidades brasileiras. No que diz respeito às unidades da federação, Minas Gerais aparece com destaque, liderando de longe o ranking dos estados mais afetados, com 8.095 eventos reportados por prefeituras desde 2013, 15% do total registrado no país.

Ao lado de municípios da Bahia (5.441), Paraíba (4.407), Santa Catarina (4.077), Rio Grande do Sul (3.724) e Rio Grande do Norte (3.550), as prefeituras mineiras integram grupo castigado pela maior parte dos desastres no país, com 54% do total. Mas os eventos atribuídos à "força da natureza" não pouparam nenhuma unidade da federação. Todas enfrentaram pelo menos um desastre ao ano na década avaliada.

Estados como Mato Grosso do Sul (2.031 ocorrências), Mato Grosso (1.642), São Paulo (1.623), Maranhão (1.464), Goiás (1.317) e Rio de Janeiro (1.261) aparecem no estudo da CNM no pelotão intermediário no ranking nacional de catástrofes. A lista dos menos afetados, não por coincidência, é formada por alguns dos menos urbanizados e ocupados na Região Norte – Amazonas (585), Rondônia (208), Acre (154), Amapá (134) e Roraima (81) – e pelo de grande infraestrutura em menor território: o Distrito Federal (20).

Do ponto de vista dos níveis de governo, o estudo chama atenção ao mostrar que a maior parte dos prejuízos é suportada pelo ente federativo de menor poder: segundo a CNM, dos danos de R$ 341,3 bilhões atribuídos a desastres naturais, apenas R$ 15,4 bilhões (ou 4,5%) foram custeados por repasses de recursos federais, restando a maior parte da conta para as prefeituras, com algum suporte dos estados.

Para a sociedade e para os cidadãos, restam os impactos desses desastres, que podem provocar perda de moradias e bens pessoais, interrupção de serviços essenciais, como fornecimento de água e energia elétrica, e prejuízos ao transporte e deslocamento. Sem contar os impactos financeiros sobre agricultura, indústria e comércio e aqueles que não podem ser repostos: os contabilizados em vidas perdidas.

O que o estudo da CNM, pródigo em números, não diz, mas permite inferir é que não se pode dissociar a ação humana das origens e consequências dessa gama de fenômenos. Seja via respostas da natureza ao aquecimento global influenciado por séculos de industrialização, seja via ocupação desordenada dos espaços urbanos, incluindo impermeabilização do solo e construções em áreas de risco, seja via ocorrência de incêndios florestais, a maioria provocada, grande parte das ocorrências atribuídas a "desastres naturais" tem causa ou influência antrópica.

Os dados da entidade municipalista surgem como um alerta em várias frentes: é preciso preparar respostas de Defesa Civil a desastres que tendem a ficar mais severos; é necessário planejar, para evitar que suas consequências sejam ainda mais graves; e é indispensável uma conscientização que comece entre autoridades e chegue a cada cidadão sobre a responsabilidade de minimizar a contribuição humana para catástrofes que não deixarão de ocorrer.

FÁBIO GRECCHI
fabiogrecchi@cbnet.com.br

Bichos ferozes

Dias atrás, no noticiário da invasão russa na Ucrânia, um site com credibilidade publicou matéria afirmando que as forças ucranianas estavam recusando voluntários brasileiros. O motivo é ridículo se não fosse sério: fanáticos por redes sociais, os poucos que por lá estavam postavam com frequência imagens de si mesmos pesadamente armados, supostamente prontos para o confronto. O problema é que, a cada publicação, as tropas cibernéticas russas captavam os sinais emitidos pelos soldados celebridades. Foram acusados de terem facilitado a morte de civis e soldados, vítimas de ataques inteligentes a partir da localização de celulares.

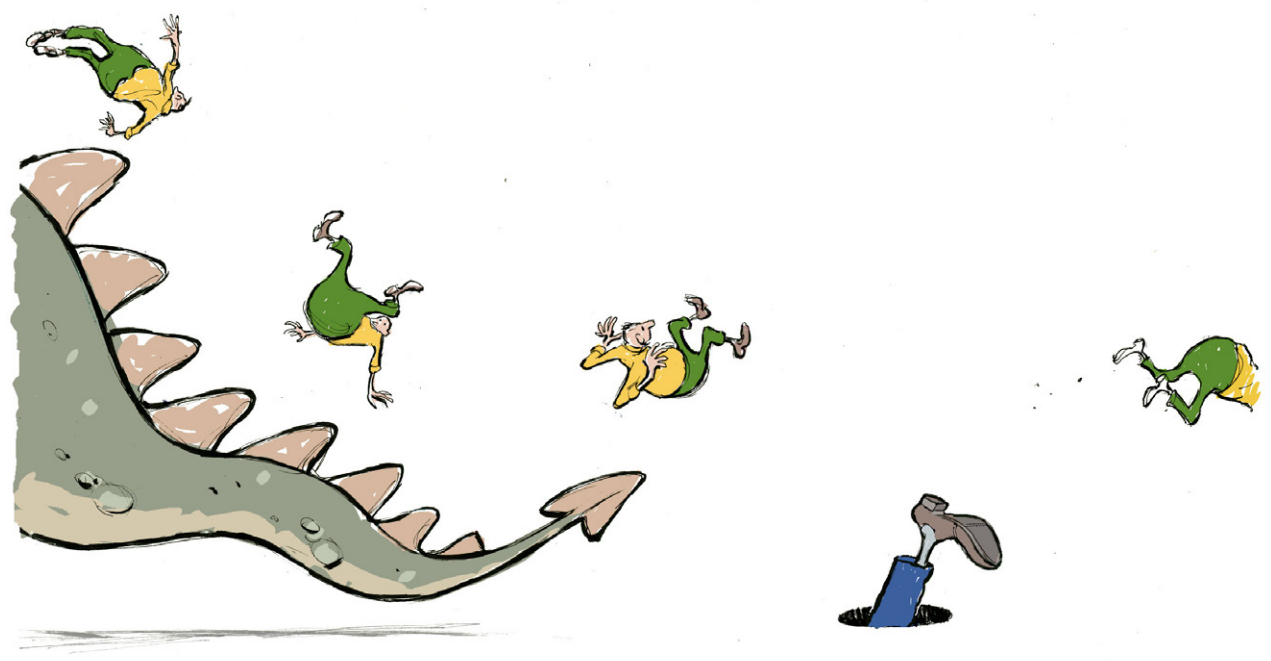
Segundo a reportagem, os brasileiros que foram se ombrear aos ucranianos são ex-militares ou instrutores de tiro. Talvez acreditando que a experiência em exercícios lhes daria capacidade para lutar uma guerra de verdade, viram que há uma distância brutal quando, do outro lado, há uma potência militar. Além de soldados regulares bem armados, amparados pelo que há de melhor em tecnologia da informação, os russos ainda contam com mercenários experientes — veteranos da Síria e da Chechênia, vários recrutados pelo Grupo Wagner, tropa paramilitar que viria atuando, com o beneplácito de Vladmir Putin, em território ucraniano desde a anexação da Criméia.

Assim que Jair Bolsonaro chegou à Presidência, explodiram nas redes sociais perfis nos quais homens e mulheres, policiais ou não, se exibem com armas de grosso calibre. Tornou-se sinônimo de macheza, de virilidade, de coragem, até de sensualidade. Mas a mensagem é a da intimidação.

O atual governo facilitou imensamente a compra de armas e munição, numa intenção clara de promover a balbúrdia ao estimular a formação de grupos de apoiadores violentos. Pouco importa se grande parte desses valentes seja guerreiro de estande. Ninguém paga para ver quando, do outro lado, tem alguém com uma automática em punho ou manejando um fuzil.

A rejeição de brasileiros por ucranianos, que não precisam de combatentes desqualificados — para isso bastam os civis convertidos em resistência — , diz muito sobre nosso país hoje. Mostra um grau de violência, despreparo e arrogância que cabem num filme de Stallone, mas são incompatíveis com a vida em uma sociedade civilizada. Um homem armado que usa mal o aparato que tem nas mãos ou crê que para se engajar em um conflito armado basta ter uma pífia experiência, é um perigo. Estará sempre mais perto de cometer um crime do que de defender a si ou a alguém.

Chega de bichos ferozes — como os do samba cantado pelo magnífico Bezerra da Silva.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail: sredat.df@dabr.com.br**

Inflação

Estamos vivendo no caos: inflação maior dos últimos 28 anos, gasolina mais cara da história, gás de cozinha triplicou, energia elétrica impagável, zero política social para ajudar os menos favorecidos, vulgo pobres; a carne evaporou junto com a cenoura... Enquanto isso, o presidente-candidato elogia a tortura dos anos de chumbo e incentiva a compra de armas. Ao ver esse panorama, disse o corvo: "Tortura nunca mais!"

» **Thelma B. OLiveira,**
Asa Norte

Jogo duplo

O ex-ministro Pazzianoto, costuma nos brindar com análises sensatas da política brasileira. No entanto, na sua última, com o título em epígrafe (08/04) cometeu, a meu ver, imprecisão de diagnóstico, quando colocou sobre Lula a assertiva: "Presidiu o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo com energia e coragem no período compreendido entre 1975 e 1980. Desafiou empresas automobilísticas. Enfrentou o regime militar". Lula foi, e continua sendo, um boneco do sistema, criação dos militares e empresários, para supostamente restaurar a democracia no país, sem grandes traumas. Assim, confessaram o general Golbery e o senador Tuma, que o hospedava clandestinamente em sua casa, enquanto greves eram deflagradas. Lula governou sob o conluio dos empresários, banqueiros e políticos corruptos, fazendo a sua especialidade: o jogo duplo, se mostrando como pai dos pobres, e nos bastidores despachante dos ricos.

» **Humberto Pellizzaro,**
Asa Norte

Indústria

Proteger a empresa nacional da concorrência estrangeira foi a estratégia de industrialização de todos os países. A Inglaterra era a exceção, pois lá ocorrera a primeira Revolução Industrial. A indústria nascente nem sempre dispõe de condições para competir com o produto importado, mas protegê-lo tem custo: os consumidores pagam mais caro por bens que raramente tem qualidade igual à dos importados. Mais tarde, esse custo deve ser compensado por uma indústria competitiva, que ofereça produtos de preço e qualidade satisfatórios. A proteção, no entanto, precisa ser limitada no tempo. Do contrário, serão mantidas empresas ineficientes, de baixa produtividade e viciadas em favores do governo, o que conspira contra o potencial de crescimento e de bem estar. O protecionismo tem de ser submetido a permanente avaliação de resultados, examinando-se a relação custo-benefício. As empresas que não passarem no teste deverão perder a proteção e os subsídios. Infelizmente, o Brasil não faz essa avaliação e por isso estende demasiadamente a proteção. Conviria rever os mecanismos aplicados na avaliação permanente das políticas públicas. Não há mais tempo a perder.

» **Renato Mendes Prestes,**
Águas Claras

Escravidão

Louvo o Sr. André Lúcio Bento pelo artigo sobre o Racismo curricular (**Correio**, 9/4/22, p. 11). Contudo, a meu ver, ficou faltando uma reparação dos escravistas e dos países que participaram da Conferência de Berlim (1884/85). Aqueles que enriqueceram com o trabalho escravo deveriam, retribuir, de alguma forma, aos escravos libertos. Penso que a Lei Áurea ficou incompleta. Deveria ter exigido que os antigos senhores empreguem os libertos com prioridade, qualificando-os para o trabalho livre, fornecendo-lhes moradias, para que não ficassem perambulando pelos morros, como alguns ainda permanecem até hoje. Os países que saquearam a África deixaram para trás um rastro de destruição e de desorganização da estrutura tribal, gerando governos ditatoriais e muito corruptos. Deveriam criar uma grande escola de governo, em algum país africano, em regime de internato, para treinar líderes para governar as antigas colônias, assessorando-as na organização dos respectivos governos. Lá, como cá, os negros são tão inteligentes e capazes quanto os brancos, faltando-lhes apenas instruções e oportunidades.

» **Itiro Iida,**
Asa Norte

Ciências

Desde meados do século passado, a pesquisa agrícola tem se notabilizado. Foi quando da descoberta do Rhizobium, micro-organismo que nutre a planta de nitrogênio. Na época, o retorno à economia foi de 10 bilhões de dólares. Em entrevista ao CB. Poder, (9/4), o presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) noticia que a Empresa nessa safra pretende reduzir o custo de produção em 1 bilhão de dólares. Segundo Celso Moreti, isso acontecerá com a melhoria de eficiência no uso de fertilizantes. Essa alternativa reduz a sua dependência, diz ele, cujo problema é ocasionado pelo conflito Rússia-Ucrânia. Essa iniciativa da Embrapa vem em bom momento.

» **Enedino Corrêa da Silva,**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Disseram ao coronel que lugar de militar é no quartel. Ele entendeu, motel.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

A executiva Nacional do PT rifou o nome da candidata ao Buriti. Nem precisava rifar. Esse partido não ganhará nada em 2022.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Jornal do Brasil: nada de novo, tudo de velho. De novo, de novo, de novo...

Francicarlos Diniz — Asa Norte

Empurrado para o limbo da política, Sergio Moro embarcou para os Estados Unidos. Será que foi pedir ajuda ao mestre em fake news, Steve Bannon, para voltar à superfície?

Joaquim Honório — Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax. (61) 3214.1205 - **Sucursal São Paulo**: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar – Jardim Paulista – CEP: 01403-000 – São Paulo/ SP, Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadossp@uaigiga.com.br. **Sucursal Rio de Janeiro**: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar – São Cristóvão – CEP: 20940-200 – Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalrj@uaigiga.com.br. **REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo** – Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 – Barro Preto – CEP: 30.180-070 – Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiabrasilcomunicacao.com.br. **Região Sul** – HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 – Menino Deus – CEP: 90.160-240 – Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrm@hrmmultimidia.com.br. **Regiões Nordeste e Centro Oeste – Goiânia:** Êxito Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C 2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones:62 3085-4770 e 62 98142-6119. **Brasília:** Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D – 15º andar – Ed. Oscar Niemeyer – salas 1502/3 – CEP: 70.316-900 – Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. **Região Norte** – Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K – Ed Embassy Tower, salas 701/2 – CEP: 73.340-000 – Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e D.A Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: **3342-1000**

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	**R$ 3,00**	**R$ 5,00**

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R$ 837,27
360 EDIÇÕES
(promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

DIÁRIOS ASSOCIADOS

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

D.A LOG
Agenciamento de Publicidade